

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Moderno Cinema da Bulgária: Diálogos com o Passado
14 e 29 de Outubro de 2024

OTKLONENIE / 1967
("Desvio")

Um filme de Gricha Ostrovsky e Todor Stoyanov

Realização: Gricha Ostrovsky e Todor Stoyanov / Argumento: Blaga Dimitrova / Direcção de Fotografia: Todor Stoyanov / Direcção Artística: Bogoya Sapundjiev e Lyubomir Yordanov / Guarda-Roupa: Ani Laskova / Música: Milcho Leviev / Som: Nikolay Popov / Interpretação: Nevena Kokanova (Neda), Ivan Andonov (Boyan), Katya Paskaleva (Vera), Stefan Iliev (Kosta), Dorotea Toncheva (Pavlina), Tzvetana Galabova (Lili), etc.

Produção: Boyana Film / Produtor: Hristo Karaneshev / Cópia 35mm, preto e branco, falada em búlgaro com legendagem electrónica em português / Duração: 78 minutos / Comercialmente inédito em Portugal.

Também a cinematografia búlgara, bem menos conhecida internacionalmente do que algumas congéneres do chamado Bloco de Leste, viveu a sua espécie de “nova vaga” ao longo dos anos 1960. **Otklonenie**, feito por um par de realizadores estreados (Gricha Ostrovsky, 1918-2007, que vinha do teatro; Todor Stoyanov, 1930-1999, que até aqui trabalhara sobretudo como director de fotografia), a partir de um argumento escrito por outra estreada, Blaga Dimitrova (1922-2003), não precisa de mais de uma meia-dúzia de planos para que, se o estivéssemos a ver sem qualquer indicação, fosse possível indicar a sua proveniência: um filme vindo da Europa oriental algures durante a década de 60. Está na fotografia, naquele preto e branco muito contrastado e muito “cheio”, está na melancolia geral, na estrutura narrativa cheia de ramificações e deambulações (como, de resto, o anuncia o “desvio” do título), no confronto permanente com a recordação de um passado um pouco mais esperançoso do que o presente, está até em pormenores como a escolha de uma música muito *jazzy* para servir de ossatura à banda sonora (talvez que o emprego dessa música tivesse para os búlgaros o mesmo sinal transgressivo que tinha para os polacos, por exemplo: era *música americana*). Estará em tudo isto e ainda em outras coisas, mas não deixa dúvidas: o ar de família entre **Otklonenie** e o que se passava na Checoslováquia (os filmes de Forman ou Ivan Passer), na Hungria (os filmes de Karoly Makk ou Marta Mészáros), na Polónia (os filmes de Skolimowski), ou mesmo na União Soviética (os filmes de Marlen Khutsiev), é gritante, e testemunha bem a que ponto estas “novas vagas” devem eventualmente menos à “nouvelle vague” propriamente dita do que ao profundo impacto do que certos pontos alto da modernidade italiana dos anos 50/60, sobretudo o cinema de Michelangelo Antonioni (e o “nó cego” em que se encontra a relação entre o par protagonista de **Otklonenie** tem aspectos bastante antonionianos).

Ou Rossellini, que parece a marca mais presente nas primeiras cenas do filme de Ostrovsky e Stoyanov, aquelas que levam ao reencontro do professor e da antiga aluna numa escavação arqueológica, e que põem logo **Otklonenie** sob o signo de uma “viaggio in Bulgaria”. Filme de derivas no espaço e no tempo (as personagens sempre em movimento e sempre “flash-backs” memorialistas), trata aquela velha relação entre o par como uma outra forma de deriva – identificar a natureza dessa deriva, para além da carga nostálgica, muito “feuilles mortes”, que a recordação dela traz consigo, será possivelmente a questão maior para as personagens. Comporta uma dimensão de revisão ideológica muito daquele espaço e daquele tempo (se admitirmos que este “tempo”, na Bulgária e nos países de leste como os que citámos, foi grosso modo o período entre o “degelo” a seguir à morte de Estaline em 1953 e o desfecho da Primavera de Praga em 1968), com uma “latitude” até algo surpreendente mesmo dentro deste contexto, visto que a autoridade estatal nunca deixou de exercer algum controlo ideológico sobre a produção cinematográfico. Mas lá ouvimos, a certa altura, Boyan (Ivan Andonov) a queixar-se de “termos criado um mundo em que a ideologia define todos os nossos passos” (frase que, de resto, confere todo o peso à ideia do “desvio” que preside ao filme), numa aparente contradição com o que o mesmo Boyan, mais jovem e mais ortodoxo, defendia no primeiro “flash-back”, na discussão em torno da poesia: em cinco pontos anunciados com rigor, uma definição materialista e pragmática do que pode ou deve ser o amor numa sociedade socialista, simpatia ideológica, solidariedade de classe, atracção física, etc.). A recusa teórica do romantismo – não é por acaso que a discussão nasce duma conversa sobre poesia – que depois não se aguenta face à realidade, à *realidade sentimental*: este é, trocado por miúdos, o coração de **Otklonenie**, e este é o principal desvio que narra.

Que se aguenta sempre muito bem, entre os ditos e os não ditos do diálogo, de onde vem a recomposição apenas parcelar da história antiga entre o par, sem nenhuma explicitação das razões do seu fim (“estás tornar-te demasiado ideológica”, ouve Neda de Boyan, logo dele que entrara na história assim, 100% ideológico), e a potência melancólica da encenação e das imagens de Ostrovsky e Stoyanov, uma pequena viagem pelo interior da Bulgária, estradas e cidades secundárias, cenas que mais do que uma vez têm o clima de um ambiente romântico sufocado, e onde, em certos momentos, o eco de uma música longínqua vem funcionar como sinal de tudo o que, para as personagens, ficou a uma distância inalcançável. Belo filme.

Luís Miguel Oliveira